

**A MIGALHA COMO *TOPOS*:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ERNST R. CURTIUS E  
SØREN KIERKEGAARD SOBRE METÁFORAS ALIMENTARES E  
TRANSCENDÊNCIA**

**THE CRUMB AS *TOPOS*:  
A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN ERNST R. CURTIUS AND  
SØREN KIERKEGAARD ON FOOD METAPHORS AND  
TRANSCENDENCE**

*Petterson Brey\**

**Resumo:** O presente ensaio explora o conceito de *topos* e a metáfora das *migalhas* presentes nas obras de Ernst R. Curtius e Søren Kierkegaard, articulando suas respectivas abordagens literária e filosófica para revelar a relevância dessa imagem no pensamento ocidental. Ao longo do trabalho, busca-se investigar como o conceito de *topos*, conforme desenvolvido por Curtius, pode ser vinculado à metáfora da migalha na tradição literária medieval e, ao mesmo tempo, como Kierkegaard, ao utilizar essa imagem em sua obra *Migalhas Filosóficas*, a transforma em um símbolo existencial, ético e religioso. A relação entre esses dois pensadores é analisada com base na premissa de que, embora se situem em contextos teóricos distintos, ambos reconhecem na migalha um signo de transcendência e de revelação, seja no plano literário, seja no existencial. Curtius, em sua obra seminal *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter* (Literatura europeia e Idade Média Latina), apresenta os *topoi* como formas retóricas recorrentes que estruturam o imaginário cultural europeu. A migalha, nesse contexto, é vista como um elemento do repertório simbólico medieval que se adapta e ressurge ao longo da história. Já Kierkegaard, em sua obra filosófica, utiliza a migalha como metáfora do paradoxo cristão e da verdade existencial, associando-a à ideia de fragmentação e à busca de sentido no caos da condição humana. A análise desses dois pensadores, portanto, não é circunscrita por uma comparação histórica, mas busca-se entender como a migalha, enquanto *topos*, articula uma visão de mundo que abarca tanto a tradição cristã quanto a filosofia existencial. Por fim, este texto ensaístico propõe que o conceito de *topos* da migalha, ao ser abordado sob essas duas óticas, oferece uma chave hermenêutica para compreender como a linguagem desenvolve possibilidades de captar o transcendente, mesmo em sua forma mais fragmentária e dispersa.

**Palavras-chave:** Topos. Migalhas Filosóficas. Curtius. Kierkegaard. Metáforas Alimentares.

**Abstract:** This essay explores the concept of *topos*, and the metaphor of crumbs present in the works of Ernst R. Curtius and Søren Kierkegaard, articulating their respective literary and philosophical approaches to reveal the relevance of this image in Western thought. Throughout the work, we seek to investigate how the concept of *topos*, as developed by Curtius, can be linked to the metaphor of the crumb in the medieval literary tradition and, at the same time, how Kierkegaard, by using this image in his work *Philosophical Crumbs*, transforms it into an existential, ethical and religious symbol. The relationship between these two thinkers is analyzed based on the premise that, although they are situated in different theoretical contexts, both recognize in the crumb a sign of transcendence and revelation, whether in the literary or existential sphere. Curtius, in his seminal work *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter* (European Literature and Latin Middle Ages), presents *topoi* as recurrent rhetorical forms that

---

\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Pós-doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) CNPq da PUC-SP; pettersonbrey@gmail.com

structure the European cultural imaginary. In this context, the crumb is seen as an element of the medieval symbolic repertoire that adapts and resurfaces throughout history. Kierkegaard, in his philosophical work, uses the crumb as a metaphor for the Christian paradox and existential truth, associating it with the idea of fragmentation and the search for meaning in the chaos of the human condition. The analysis of these two thinkers, therefore, is not limited to a historical comparison, but seeks to understand how the crumb, as a *topos*, articulates a worldview that encompasses both the Christian tradition and existential philosophy. Finally, this essay proposes that the concept of the *topos* of the crumb, when approached from these two perspectives, offers a hermeneutical key to understanding how language develops possibilities for capturing the transcendent, even in its most fragmentary and dispersed form.

**Keywords:** Topos. Philosophical Crumbs. Curtius. Kierkegaard. Food Metaphors.

## **Introdução**

A persistência de determinadas imagens na tradição ocidental, sobretudo na intersecção entre literatura, teologia e filosofia, revela não apenas a força retórica de tais figuras, mas também sua capacidade de condensar visões de mundo e estruturas do pensamento. Nesse contexto, a metáfora da migalha, recorrente tanto em textos bíblicos quanto em obras filosóficas e literárias, emerge como um símbolo particularmente fértil para a investigação do modo como o mínimo pode conter o máximo, o fragmento pode anunciar o absoluto, e o detalhe pode significar o todo. Essa imagem, longe de ser meramente decorativa, adquire importância em autores que, como Ernst R. Curtius e Søren Kierkegaard, exploram suas camadas de sentido em diferentes tradições discursivas.

O presente trabalho tem como objeto teórico o *topos* da migalha, entendido aqui tanto no sentido técnico do termo retórico – conforme elaborado por Curtius em *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter* (2016) – quanto como categoria filosófica e existencial – especialmente à luz das *Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus* (2011), de Kierkegaard. A proposta, portanto, consiste em investigar como essa figura opera simultaneamente como herança cultural e ruptura hermenêutica, articulando, assim, temporalidades diversas e registros epistemológicos distintos. Destarte, ao escolher Curtius e Kierkegaard, este estudo visa não apenas contrastar perspectivas filológicas e existenciais, mas, também, propor uma possibilidade de reconstrução de um itinerário simbólico que, de acordo com que se pretende demonstrar aqui, possui, potencialmente, a capacidade de conectar a retórica medieval às angústias da subjetividade moderna.

Curtius, ao mapear os *topoi* que estruturam o imaginário da literatura latina medieval, oferece as ferramentas conceituais para compreender a migalha como forma de pensamento reiterada, que atravessa séculos e reemerge com novas tonalidades. Segundo ele – como se pode observar ao longo do quinto capítulo de sua obra (CURTIUS, 2016, p. 87-113) –, os *topoi* constituem formas de continuidade cultural, arquétipos discursivos que sobrevivem à mudança das línguas e dos estilos. Nesse sentido, a imagem da migalha – presente em passagens bíblicas como, por exemplo, a de Mateus 15,27: “Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das *migalhas* [ψιχίων] que caem da mesa dos seus donos” (BÍBLIA – ARA, 1998, p. 16) [grifo nosso] – não se limita a um uso local, mas representa uma matriz simbólica capaz de ser atualizada por diferentes autores, entre os quais Kierkegaard figura com destaque ao problematizá-la filosoficamente.

Por conseguinte, Kierkegaard, ao intitular uma de suas obras centrais como *Migalhas Filosóficas*, parece realizar um gesto duplo: por um lado, remete a um *topos* herdado da tradição judaico-cristã; por outro, subverte seu uso, transformando a migalha em signo do paradoxo e da verdade cristã enquanto escândalo. A migalha, nesse horizonte, deixa de ser mero resto para tornar-se epifania do absoluto na condição do fragmento. A escolha kierkegaardiana pelo fragmento como forma e conteúdo, portanto, denuncia sua recusa aos sistemas hegelianos e sua aposta na singularidade do instante existencial. É precisamente nessa tensão entre tradição e ruptura, entre forma herdada e reinterpretação radical, que o diálogo com Curtius pode se revelar produtivo e inusitado.

A estratégia adotada neste trabalho é, por isto, intertextual e transversal: busca-se, por meio de uma leitura comparada, articular Curtius, Kierkegaard e outros autores relevantes – como Heidegger, no que concerne à linguagem como abertura do ser, e Ricoeur, em sua teoria da metáfora –, a fim de reconstruir os percursos simbólicos da migalha e explicitar sua relevância teórica contemporânea. A estrutura do texto divide-se, assim, em três capítulos, além desta introdução e da conclusão: o primeiro dedica-se à análise do *topos* na obra de Curtius; o segundo examina o uso da migalha em Kierkegaard; e o terceiro elabora o diálogo, idealizado, entre os dois autores à luz da noção de transcendência – ainda que como subjetividade existencial. Ao fim, pretende-se demonstrar que a migalha, enquanto *topos*, constitui uma chave hermenêutica que permite pensar a linguagem como lugar de abertura ao infinito.

## 1 Curtius, os *topoi* e as migalhas na literatura medieval

A análise de Curtius em *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter* (2016) inaugura um marco interpretativo decisivo para o entendimento da persistência das formas retóricas na tradição ocidental, sobretudo ao identificar os *topoi* como estruturas duráveis do pensamento e da imaginação literária – semelhante ao que Robert Alter observa acerca dos *word-motif* e *Leitmotiv* no âmbito literário da Bíblia Hebraica (ALTER, 2011, p. 111-141). Tais fórmulas temáticas, longe de serem apenas clichês estilísticos, operam como matrizes de sentido que atravessam séculos e que, por sua plasticidade, adaptam-se a diferentes contextos culturais e teológicos. Entre esses *topoi*, as metáforas alimentares – como o pão, a mesa, o vinho e as migalhas (CURTIUS, 2016, p. 142-144) – figuram de modo privilegiado, especialmente na tradição bíblica e patrística. Curtius observa que a continuidade da literatura medieval com a Antiguidade se deve menos à imitação formal do que à sobrevivência dos lugares-comuns, o que permite vislumbrar-se nas migalhas mais do que uma imagem menor: trata-se de um signo retórico cuja carga simbólica ressoa na linguagem da fé e da filosofia.

Neste horizonte, torna-se evidente que o conceito de *topos* não se restringe ao campo da estilística, mas participa de uma ontologia da linguagem, conforme sugerido por autores como Martin Heidegger, para quem a palavra é o lugar originário do ser. Ao pensar a linguagem como morada do ser – literalmente: “a linguagem é a casa do ser” (*die Sprache ist das Haus des Seins*), Heidegger (2005, p. 8, 38) – aproxima-se da intuição curtiúsiana de que os *topoi* guardam um modo de habitar o mundo: são formas simbólicas que cristalizam experiências existenciais recorrentes. Portanto, quando o texto bíblico fala em “migalhas que caem da mesa dos senhores” (Mateus 15,27) (BÍBLIA – ARA, 1998, p. 16) – «ψιχίων τῶν πιπτόντων ἀπὸ τῆς τραπέζης τῶν κυρίων αὐτῶν» (BÍBLIA – NA27, 2008, p. 52) –, não o faz apenas por via metafórica, mas através de um *topos* que remete à estrutura mesma da relação entre falta, desejo e graça. Assim, as migalhas não são apenas restos: são emblemas de um regime de significação fundado na desproporção e na espera.

Das asserções de Curtius, observa-se como o *topos* da mesa divina, com seus convivas eleitos e suas sobras destinadas aos excluídos, reaparece de modo reiterado na literatura medieval e nos sermões dos Padres da Igreja. A metáfora alimentar, nesse contexto, adquire feições teológicas e escatológicas, funcionando como um operador

simbólico que articula presença e ausência, fartura e privação, epifania e silêncio. Tal dualidade revela-se produtiva também no plano filosófico, como será retomado por Kierkegaard ao propor suas *migalhas filosóficas*. A estratégia curtiusiana de rastrear tais formas ao longo da tradição permite compreender como, ao evocar migalhas, não se está inventando uma nova imagem, mas reinscrevendo-se numa rede intertextual que mobiliza afetos e saberes. Daquilo que se pode depreender do pensamento de Curtius, portanto, é razoável que se diga que as imagens mais duráveis não são as mais originais, mas as mais fecundas, o que possibilita pensar a migalha não como exceção, mas como elemento estrutural de uma teologia poética.

É nesse ponto que a hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur contribui decisivamente para aprofundar a compreensão dos *topoi* como mediações entre o texto e a experiência vivida. Para Ricoeur (1975), a metáfora viva rompe a opacidade do signo e abre uma nova referência no mundo, operando uma refiguração da realidade. O *topos*, assim, não apenas representa, mas reconfigura: é um gesto poético que modela o horizonte de sentido. Aplicando esse princípio à metáfora das migalhas, compreende-se que a cena da mulher siro-fenícia (Mateus 15,21–28), ao reivindicar as sobras dos filhos, rompe a rigidez da exclusão e reposiciona o leitor diante da alteridade e da graça. Dessa forma, o *topos* da migalha não é apenas ilustrativo, mas transformador: ele tensiona a estrutura e a relê à luz do escândalo do excesso divino. Curtius, embora não adote a terminologia ricoeuriana, fornece o arcabouço histórico para esse gesto de reinterpretação contínua.

Outra dimensão relevante da leitura curtiusiana é o reconhecimento de que os *topoi* operam não apenas na literatura, mas também na filosofia e na teologia, instaurando zonas de ambiguidade entre gêneros discursivos. Tal observação é crucial para o presente projeto, pois permite a possibilidade (embora não declarada) de se pensar Kierkegaard como herdeiro de uma tradição retórica teológica que se serve do fragmento, da imagem e do símbolo para veicular verdades que não se deixam capturar por conceitos sistemáticos. A migalha kierkegaardiana, nesse sentido, inscreve-se como *topos* no duplo registro da ironia e da revelação: ela é resto, mas também anúncio; é ruína, mas também vestígio. O “fragmento filosófico” não rompe com a tradição, mas reaproveita suas sobras com radicalidade existencial. Assim, como na Idade Média, a migalha torna-se *lócus* teológico.

Por conseguinte, torna-se evidente que o trabalho analítico de Curtius fornece o instrumental teórico necessário para repensar o estatuto das imagens na filosofia

existencial. A migalha, que poderia parecer insignificante, revela-se como índice de uma economia simbólica profundamente estruturada pela tradição dos *topoi*, na qual aquilo que sobra adquire estatuto revelador. Em sintonia com isso, Heidegger (2006) nota que o esquecimento do ser começa pelo desprezo do detalhe linguístico, o que possibilita a se ver nas migalhas de Curtius e Kierkegaard não apenas imagens poéticas, mas modos de ser-no-mundo mediados pela linguagem. O detalhe retórico é, pois, uma via de acesso ao essencial; o resíduo torna-se rastro da presença. O *topos* da migalha, portanto, condensa essa potência de desvio que gera sentido.

Enfim, a leitura de Curtius convida a suspender-se as hierarquias tradicionais entre grande e pequeno, essencial e acidental, em favor de uma visão hermenêutica mais sensível aos vestígios da tradição. A metáfora alimentar, longe de ser periférica, ocupa, assim, o centro de uma teopoética que articula forma, conteúdo e experiência de modo indissociável. A migalha, como *topos* recorrente, figura o paradoxo da abundância que se revela na escassez e da verdade que se entrega como fragmento. Essa dialética será decisiva para a compreensão da proposta kierkegaardiana, cujo ponto de partida é precisamente o gesto de humildade intelectual de quem oferece apenas *migalhas filosóficas*. Por isso, o reencontro entre Curtius e Kierkegaard, mediado pelos *topoi*, revela-se não como um artifício comparatista, mas como exigência hermenêutica.

## **2 Kierkegaard, Migalhas Filosóficas e a ética existencial**

A escolha de Kierkegaard pelo termo “migalhas” como título de uma de suas obras filosóficas mais instigantes, *Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus* (2011), não é um gesto retórico desprovido de densidade simbólica; ao contrário, trata-se de uma construção deliberada que carrega, em sua aparente modéstia, uma crítica profunda à pretensão sistemática da filosofia hegeliana e à soberba das construções totalizantes (HUISMAN, 2002; KEMP, 2004). Nas palavras do pseudônimo Johannes de Silentio, Kierkegaard afirma que “o presente autor de nenhum modo é um filósofo. Não compreendeu nenhum sistema da filosofia se é que algum existe ou esteja concluso” (KIERKEGAARD, 1984, p. 20). Nas *Migalhas filosóficas*, como Johannes Climacus, Kierkegaard, também, dá a entender que não pretende elaborar um sistema nem o começo de um sistema, sinalizando, assim, uma adesão à fragmentação como método e como ética do pensamento (KIERKEGAARD, 2011, p. 9-18). Tal posição, que se anuncia

desde o título, remete ao *topos* da migalha não apenas como metáfora de escassez, mas como figura de uma epistemologia da finitude.

Neste sentido, Kierkegaard se apropria do *topos* da migalha tal como descrito por Curtius – ou seja, como forma simbólica durável –, mas o desloca para o interior de uma problemática existencial, em que a verdade não é mais uma totalidade teórica a ser sistematizada, mas um acontecimento que interpela o sujeito a partir da interioridade ética e da angústia. Assim, as migalhas são tudo o que se pode oferecer àquele que busca a verdade “em subjetividade” e que compreende que a verdade é mais uma paixão do que uma doutrina. A filosofia, neste registro, não fornece o pão inteiro, mas os fragmentos com os quais o sujeito é chamado a se alimentar, reconstruindo a totalidade não como dado, mas como tarefa. A migalha, por conseguinte, passa a figurar como *topos* do abismo entre o finito e o infinito.

Essa concepção se encontra ressonante com o gesto hermenêutico de Paul Ricoeur, o qual afirma que a metáfora viva realiza uma ruptura na ordem semântica, abrindo para o sentido um campo de possibilidades novas (RICOEUR, 1974; 1986). A migalha kierkegaardiana, nesse contexto, não representa apenas a modéstia do discurso, mas a abertura escandalosa para o paradoxo da encarnação e da graça, que irrompe sem ser dedutível. Trata-se, então, de um símbolo que rompe com o regime da presença plena e que remete a um excesso inapreensível. Como nos Evangelhos, onde o mínimo comunica o máximo, também em Kierkegaard a migalha é índice de um Deus que se oculta no insignificante e que, por isso mesmo, desafia os olhos treinados pela lógica do prestígio e da evidência.

Heidegger, ao refletir sobre a verdade como desvelamento (*aletheia*), fornece um arcabouço complementar à leitura kierkegaardiana, pois reconhece que aquilo que se mostra em sua verdade mais originária não o faz como evidência luminosa, mas como aquilo que se retira ao mesmo tempo que se revela. A partir de sua abordagem, de que o desvelamento é sempre também velamento (HEIDEGGER, 2006), possibilita-se que se pense as migalhas como o que resta após o excesso da presença, como traços daquilo que não se deixa dizer plenamente. Em Kierkegaard, o saber da verdade cristã é precisamente esse: uma verdade que não se possui, mas que se sofre, e que se dá em forma de migalhas para aqueles que aceitam habitar a contradição entre o tempo e a eternidade, entre o eu e o absoluto.

Além disso, as migalhas filosóficas propõem uma crítica à forma discursiva hegemônica da modernidade, ao mostrarem que a relação com a verdade exige o abandono da neutralidade objetiva em favor de uma apropriação existencial marcada por risco, paixão e decisão. Não há sistema que possa conter o paradoxo da encarnação; não há conceito que possa apreender a figura do Cristo-Deus sem que isso implique uma “ofensa” à razão. Assim, afirma Climacus: “O paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem paradoxo é como o amante sem paixão” (KIERKEGAARD, 2011, p. 59). A migalha é o vestígio desse paradoxo, o que resta do encontro entre a transcendência e o tempo, e que não pode ser domesticado por nenhuma epistemologia segura.

Esse modo de compreender a migalha não se limita à esfera cognitiva, mas atinge diretamente a ética do sujeito, uma vez que exige uma postura de escuta, de espera e de fé – aquilo que Kierkegaard chama de “salto”, e que Ricoeur compreenderia como “ato de refiguração da realidade”. O sujeito, ao aceitar as migalhas, assume uma relação de despossessão em relação ao saber, colocando-se à disposição de uma verdade que o excede. Essa ética, longe de ser passiva, é extremamente exigente: trata-se de viver no tempo como quem já foi tocado pela eternidade, de viver a ausência como sinal da presença. O gesto de aceitar as migalhas filosóficas é, por isso, o gesto daquele que reconhece sua condição de criatura e que, como a mulher siro-fenícia, sabe que até “os cães comem das sobras que caem da mesa de seus senhores” (Mateus 15,27).

Por fim, ao ler Kierkegaard à luz do conceito de *topos* proposto por Curtius, compreende-se que o uso da metáfora da migalha não é um recurso isolado, mas sim a inscrição, consciente e deliberada, numa tradição simbólica que articula escassez e revelação, humildade e excesso. O paradoxo kierkegaardiano, portanto, pode ser reconhecido, por esta perspectiva específica, num imaginário retórico que remonta à tradição bíblica e patrística, cujos ecos Curtius tão precisamente identificou. A migalha é, pois, mais do que um título provocativo: ela é um *topos* que une literatura, teologia e filosofia, apontando para uma epistemologia do fragmento e para uma ontologia da graça. Assim, Kierkegaard recolhe as migalhas da tradição e, ao oferecê-las, reinaugura o pensar como dádiva e risco.

### **3 O Diálogo entre Curtius e Kierkegaard: migalhas e transcendência**

A aproximação entre Curtius e Kierkegaard, conquanto não se estabeleça em termos históricos ou diretos, revela-se frutífera sob o ponto de vista da crítica das formas simbólicas, pois ambos se engajam na construção de um discurso que recorre aos elementos da tradição retórica para indicar tensões ontológicas e teológicas profundas. Enquanto Curtius insere a migalha como parte do repertório dos *topoi* medievais – isto é, formas persistentes de expressão simbólica enraizadas na tradição cristã – Kierkegaard reinscreve essa imagem no cerne de sua filosofia da interioridade e da fé, como figura de um saber que se recusa à totalização conceitual. Em ambos os casos, nota-se que a migalha não se esgota em seu valor retórico: ela remete, antes, a uma estrutura de pensamento onde a ausência e o fragmento adquirem primazia epistemológica.

Nesse sentido, pode-se afirmar com razoabilidade que a migalha, enquanto *topos*, carrega consigo um duplo gesto: o da conservação da tradição e o da ruptura com o sistema. Curtius afirma que as imagens e motivos da literatura cristã medieval não foram inventados por ela, mas herdados da Antiguidade e reinterpretados sob o influxo do cristianismo (CURTIUS, 2016), mostrando como o imaginário alimentar, especialmente o das migalhas, perpassa séculos como signo de humildade, graça e limitação humana. Kierkegaard, por sua vez, ao intitular sua obra *Migalhas Filosóficas*, evoca essa tradição para imediatamente tencioná-la: suas migalhas não são apenas restos do banquete da razão, mas são o banquete possível para o espírito que reconhece sua insuficiência. Há, portanto, uma crítica teológica implícita no gesto filosófico.

Heidegger contribui para esse diálogo ao sustentar que “a essência da verdade é a liberdade da abertura” (HEIDEGGER, 1996, p. 160), o que permite compreender as migalhas não como sobras, mas como doações – modos discretos pelos quais o ser se manifesta na escassez, no entreaberto e no interstício. Assim, a migalha se torna metáfora privilegiada para pensar a transcendência não como plenitude dada, mas como evento que exige disposição hermenêutica. A migalha filosófica de Kierkegaard está para o desvelamento heideggeriano assim como os *topoi* alimentares estão para a retórica curtiusiana: ambos operam na dobra entre presença e ausência, entre o que se dá e o que se retira.

Essa analogia se aprofunda quando se observa que, para Kierkegaard, a verdade cristã é sempre um paradoxo, pois ela se refere a algo que está para além da razão, mas

que se revela em termos humanos. O Cristo é o eterno no tempo, o infinito no finito, o pão da vida que se oferece sob a forma da migalha. Nesse ponto, a leitura de Paul Ricoeur ilumina o caráter metafórico dessa experiência: a metáfora rompe o discurso literal e permite que o invisível se torne visível no dito (RICOEUR, 1974; 1975). Kierkegaard, ao usar a imagem da migalha, recorre a esse gesto hermenêutico para indicar a natureza disruptiva da revelação, que não pode ser assimilada pela consciência comum sem que esta passe por uma conversão existencial.

Por conseguinte, o diálogo, aqui proposto, entre Curtius e Kierkegaard em torno da migalha não é apenas uma coincidência de vocabulário, mas uma convergência de visões acerca da linguagem, da tradição e da experiência da transcendência. Se Curtius mostra que os *topoi* são marcas da persistência simbólica de certas figuras teológicas – como o banquete, a fome e a migalha –, Kierkegaard radicaliza esse imaginário ao inseri-lo no núcleo da subjetividade crente, para quem a migalha é não apenas metáfora, mas também alimento efetivo, mediação entre o absoluto e o eu. Ambos, portanto, pensam a tradição não como repetição, mas como reinvenção contínua de sentidos em contextos diversos.

É neste ponto que o diálogo torna-se propriamente filosófico e teológico: a migalha, longe de ser um detalhe ornamental, torna-se um índice de como o discurso sobre Deus e o sujeito precisa se constituir nos interstícios da linguagem e do tempo. A transcendência, como bem intui Kierkegaard, não se oferece como um conceito, mas como uma interpelação que só pode ser acolhida na forma da migalha – pequena, modesta, mas saturada de sentido. Curtius, ao rastrear os *topoi* da tradição, oferece o vocabulário simbólico necessário para que essa experiência seja reconhecida como parte de uma longa genealogia do fragmento sagrado. A migalha, nesse horizonte, é o lugar da graça, mas também da espera.

Enfim, há de se dizer que o diálogo entre Curtius e Kierkegaard – aqui idealizado – não se limita à identificação de uma metáfora comum, mas revela uma confluência profunda em torno do modo como a linguagem – enquanto portadora de *topoi* – pode veicular a experiência do transcendente. Ambos reconhecem que a verdade mais alta não se manifesta por meio da totalidade conceitual, mas por figuras menores, quase invisíveis, que exigem do leitor ou do crente uma atenção ética e estética intensificada. As migalhas, nesse sentido, são o vestígio da revelação no mundo, o resto do absoluto que se deixa

encontrar por aqueles que, como diria Kierkegaard, têm olhos para ver e ouvidos para ouvir.

### **Considerações finais**

Ao longo deste estudo, buscou-se explorar a possibilidade de convergência entre Ernst R. Curtius e Søren Kierkegaard a partir do conceito retórico e simbólico de *topos*, concentrando-se especialmente na metáfora da migalha como elemento de persistência imagética e carga teológico-existencial. Constatou-se que, embora oriundos de contextos teóricos distintos – Curtius, enraizado na crítica literária filológica e histórica, e Kierkegaard, no interior do pensamento existencial cristão –, ambos mobilizam o símbolo da migalha como forma de revelar uma dimensão da verdade que escapa à sistematização conceitual e à completude discursiva. Portanto, o recurso à migalha não se dá por acidente, mas por necessidade de linguagem: o pequeno e o fragmentário se tornam, em suas obras, caminhos privilegiados para a revelação do absoluto.

Conquanto Curtius se ocupe primordialmente da tradição literária da Idade Média latina, ao elencar os *topoi* recorrentes que atravessam séculos e moldam o imaginário ocidental cristão, sua análise permite compreender que tais formas não constituem apenas estruturas retóricas, mas também reservatórios de sentido ontológico e espiritual. Quando ele afirma que os *topoi* são formas latentes de uma cultura que permanece viva através das camadas do tempo, ele reconhece, implicitamente, que essas imagens, como a da migalha, não cessam de reaparecer porque continuam a tocar algo essencial na condição humana. Desse modo, o gesto kierkegaardiano de intitular uma de suas obras mais radicais como *Migalhas Filosóficas* ressoa como reativação e transfiguração de um *topos* herdado e religiosamente reconfigurado.

No pensamento de Kierkegaard, a migalha adquire densidade filosófica e cristológica singular, pois se apresenta como metáfora do paradoxo: o eterno que se entrega no tempo, o infinito que se manifesta no finito, a verdade que se comunica na forma de um escândalo. As *migalhas filosóficas*, nesse horizonte, não são resíduos ou sobras do saber sistemático, mas aquilo que permanece como dom e interpelação para aquele que crê, mesmo diante da ausência de garantias racionais. A noção de *topos*, nesse caso, permite ler Kierkegaard como herdeiro da tradição simbólica medieval, ainda que seu uso da migalha rompa com qualquer acomodação cultural, deslocando-a para a esfera

de uma ética do risco e da decisão existencial. O fragmento se torna, pois, índice do absoluto.

Além disso, ao integrar ao longo da análise vozes como as de Paul Ricoeur e Martin Heidegger, pôde-se mostrar que a migalha, enquanto figura retórica, insere-se também em debates contemporâneos sobre metáfora, verdade e linguagem. Ricoeur, ao refletir sobre a capacidade da metáfora de reconfigurar o real, oferece as bases para compreender a migalha não apenas como imagem, mas como operadora de sentido ontológico. Heidegger, por sua vez, ao pensar a linguagem como a casa do ser, ilumina o estatuto fenomenológico do fragmento, como aquilo que revela mais precisamente pela via da reserva e do velamento. Nesse cruzamento, Curtius e Kierkegaard aparecem como dois pensadores sensíveis ao poder da forma mínima de significar o máximo.

Enfim, a investigação permitiu concluir que o *topos* da migalha, longe de ser um detalhe periférico, ocupa um lugar estratégico na enunciação da verdade em contextos cristãos e filosóficos. Por meio da análise de Curtius e Kierkegaard, foi possível compreender como tradição e ruptura, herança e invenção, se entrelaçam na economia simbólica de um discurso que pretende dar conta da transcendência. A migalha, por conseguinte, não apenas figura o pequeno, mas redime o pequeno como lugar da revelação; não apenas representa a ausência, mas convoca à presença pelo desejo e pela fé. Nesse gesto comum, ambos os autores mostram que a linguagem, em seus fragmentos mais humildes, é ainda capaz de tocar o inominável.

## **Referências**

- ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books, 2011.
- BÍBLIA – ARA (Almeida Revista e Atualizada). *Mateus 15,21-28*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- BÍBLIA – NA27. *The Greek New Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2008.
- CURTIUS, Ernst R. *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Tübingen: Francke A. Verlag, 2016.
- KEMP, Peter. Kierkegaard. In: HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 565-573.
- KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

KIERKEGAARD, Søren. *Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade. – *Conferências e escritos filosóficos*. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 149-170.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

HUISMAN, Denis. Migalhas filosóficas. – *Dicionário de obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 374.

RICOEUR, Paul. Stellung und Funktion der Metapher in der biblischen Sprache. In: RICOEUR, Paul; JÜNGEL, Eberhard (Hrsgs.). *Metapher. Zur Hermeneutik religiöser Sprache*. (Evangelische Theologie Sonderheft, 34 – Supplement). München: Chr. Kaiser Verlag, 1974, pp. 45-70.

RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. (L'ordre philosophique collection dirigée par François Wahl). Paris: Éditions du Seuil, 1975.

RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.

*Recebido em: 23/05/2025*

*Aprovado em: 14/06/2025*